



O fogo de Tereza

Alexandre Santos

Confidencia as piruetas amorosas da fogosa Tereza.

Tereza nascera com fogo no rabo. Mal completara dez anos, já consciente das formas que passaram a avolumar-lhe o corpo, estufando as roupas nos lugares certos e atraindo olhares e assobios dos meninos mais velhos, sentiu as primeiras coisas de mulher, dando asas a imaginação de um modo que faria ruborizar as tias e, se tivesse coragem de enfrentar o confessionário, pesar severas penitências e tentações indizíveis no padre que a ouvisse. Quando sangrou pela primeira vez, pensou estar à beira da morte e, já naquela ocasião, disposta a negar a São Pedro as prendas que, segundo diziam, eram devidas ao Santo pelas virgens por ele acolhidas no Éden, quis se dar a todo mundo e só não o fez porque antes, sem saber que passava na cabeça da filha o mesmo que pensara nos seus tempos de adolescente, a mãe Janete percebera a menstruação precoce e, desfazendo o medo, sorriu e, com orgulho da filha que atingia a puberdade, explicou o sentido da menarca. Pois bem. Sabendo que aquele sangueiro era normal e, principalmente, dos dias que precisava contar, a mocinha decidiu entrar o quanto antes no paraíso que tanto sonhava. Não demorou muito. Em pouco tempo, como numa íngreme escalada aos céus, as esfregações, bolinações e amassos evoluíram, aplacando as ondas de desejo que, num vai-e-vem sem fim, incendiavam as tenras entranhas, exalando feromônio por todo o corpo. Primeiro foram os primos, depois a turma do colégio, depois veio o sacristão (que, por algum milagre de Deus, soube da lascívia incontrolável revelada no segredo da confissão). Aos poucos, passou a conhecer e ser conhecida por todos os rapazes da cidade. Vale dizer que, embora todos a desejassem, era ela que escolhia a quem se dar, fazendo calos crescerem em muitas mãos ansiosas. O tempo passava e o fogo aumentava, deixando a moça cada vez mais descontrolada, descontrolando qualquer coisa que estivesse no seu entorno, despertando ciúmes, incendiando vontades. A mãe, coitada - que também vivera seus dias de glória num passado sempre presente na memória e temia pelo pior se o falatório chegasse aos ouvidos do marido, um grosseirão chamado até por ela de major Cícero - já não sabia o que fazer para negar os mexericos e proteger as pregas inexistentes da filha.

Foi quando aconteceu o milagre.

Júlia, a irmã mais velha de Janete adoeceu no Recife e, num longo telefonema, suplicou quase implorando que a sobrinha fosse passar uns tempos na capital com ela e Leôncio, seu dedicado marido. Imobilizada na cama, a irmã não conseguia cuidar da casa e do homem a quem, solenemente, diante de um padre, prometera zelar por todo o sempre. De imediato, a mãe percebeu a chance de Tereza reiniciar a vida longe das fofocas e, sobretudo, dos machos que já a conheciam por dentro e por fora e, sempre, queriam conhecer mais. Uma vida nova, um lugar novo. Era isso o que Tereza precisava. Bastava

controlar o fogo e deixar o tempo endireitar as coisas. Convite feito, convite aceito. Três dias mais tarde, para tristeza dos colegas, vizinhos, amigos e conhecidos, lá foi Tereza para a capital, levando um baú de segredos, um rosário de pequenos pecados e a promessa de manter as pernas fechadas.

Os primeiros momentos no Recife foram conforme prometera à mãe: dedicada à tia Júlia, quieta como se fosse voluntária ao noviçado. Por alguns dias (e só por alguns), contendo os impulsos que a faziam mais fêmea do que as outras, a duras penas, ela conseguiu suportar a virtude. Acontece que, trancada em casa, vendo o sofrimento da tia, que mal conseguia andar, Tereza não pode deixar de sentir uma profunda (e bota profunda nisso) pena do tio - um homem ainda jovem que, privado das coisas que o fizeram casar, vivia acabrunhado, caminhando a esmo pelo quintal ou submetido à mesmice da televisão. Mas, como não tem mal que nunca acabe ou bem que sempre dure e vice-versa, aquela monotonia só durou até o dia em que, num gesto de extrema caridade (pelo menos, assim disse ela ao padre confessor anos mais tarde), completamente despida, Tereza se aproximou e, sem ligar para os "o que é isso?", "você está doida" e outras coisas, sentou no colo do homem e fez o que sabia fazer de melhor. Daquele dia em diante, a casa ficou alegre. Saciado em seus reclamos animais, o tio acordava de bom humor e de sua parte, lembrada da farra da véspera, que repetiria sempre que quisesse, menos tensa, Tereza passou a cantarolar, dedicando maior atenção à tia e às coisas do lar. Aliás, no embalo da alegria reinante, até a tia passou a se sentir melhor, agradecendo a Deus pela chegada da sobrinha que fazia a alegria da casa. E, sem que a tia tivesse a mais remota idéia da indecência que se passava bem embaixo do seu nariz, sempre que podiam, Tereza e o tio Leôncio faziam alguma traquinagem. Um beijo de língua, um sarro, uma apalpada, uma esfregação, uma roçadinha, uma amolegada, uma rapidinha. Uma safadeza que fazia o tio Leôncio querer voltar mais cedo do trabalho e [fazia] Tereza mergulhar na faina para encurtar as horas restantes até o reinício das semvergonhices de que tanto gostava.

Um dia, toda feliz, querendo fazer surpresa ao marido e à sobrinha - as pessoas que mais amava (e, segundo pensava, que mais a amavam) -, em grande esforço, Júlia levantou-se sozinha e praticamente arrastou-se até a sala, de onde, junto com a voz do locutor, escapava o estranho burburinho. Devia ser um desses novos programas da televisão, pensou a tia. Não era. Embora ligado, ninguém prestava atenção ao aparelho. Sem qualquer pudor ou respeito, completamente nus, o marido e a sobrinha se misturavam, atracados numa posição que a mulher jamais chegou a compreender. "Valei-me, Nossa Senhora", o grito rouco ainda conseguiu sair do corpo que desabava para nunca mais levantar.

As exéquias foram simples. "Deus quis assim", com os olhos inchados e o nariz vermelho de tanto chorar, Tereza dava a mesma explicação a todos que perguntavam sobre a repentina morte da tia Júlia. Ainda no cemitério, aliviando a mãe, que temia pelo retorno da filha ao palco das fofocas sobre sua virtude, entre um soluço e outro, Tereza avisou que ficaria no Recife. Agora, sua missão seria cuidar do tio Leôncio, "que não aguenta mais sofrer", acrescentou com a vozinha de menina. E cuidou, mesmo. Cumprido um meteórico

luto de menos de dois dias, lá estavam eles, tio e sobrinha, de volta à sacanagem. A diferença era que, agora, sem o risco de serem pilhados, não precisavam mais esconder a bandalheira. Em menos de uma semana, dormiam juntos, na mesma cama na qual, um dia, dormira a finada Júlia.

O tempo passou.

Embora Tereza e Leôncio vivessem em franco concubinato, jamais reconheceram ou assumiram a relação. Talvez fosse melhor assim, pensaram. O segredo, de fato, evitara grande escândalo, mas, por outro, dera lugar a muitas preocupações maternas. Afinal de contas, além de não ficar bem a filha morar sozinha na casa de um homem - mesmo mais velho, viúvo e ser tio da menina, Leôncio não deixava de ser macho -, havia a questão do casamento que, sempre, as mães sonham para as filhas. Não deu outra. Meses mais tarde, se dizendo preocupada com a reputação de Tereza (a inocentezinha, coitada), Janete decidiu ser hora de arranjar um pretendente para a filha. Fez uma varredura nos homens da cidade e, depois de excluir casados, pobretões e sabedores do passado movimentado da moça, fixou-se inicialmente no Dr. Alcides, delegado recém chegado à cidade, sem dúvidas um excelente partido. Era isso! Daria um jeito de aproximá-los e, se bem conhecia a filha, Tereza faria o resto.

Já no dia seguinte, usando a manha herdada das mulheres da família, como quem não queria nada, Janete pediu que, à guisa de favor pessoal, ao viajar à capital no dia seguinte, o delegado Alcides levasse uma encomenda para Tereza, a filha caçula referida como "a menina mais bonita da cidade e que estava estudando no Recife". A mãe esperava que, ao ver Tereza, o delegado se entusiasmasse e... quem sabe? A velha tinha razão. Ao ver Tereza, o delegado encheu os olhos. Tereza fez o resto. Abusando do charme natural e dos atributos que Deus lhe dera, jogando com a inocência do macho que se pensava esperto, a menina pediu para o delegado voltar no dia seguinte "para pegar uma encomenda para os parentes do interior" e, toda mal intencionada, justamente no começo da tarde, um momento bem distante da hora de Leôncio voltar do trabalho. A caçada foi fácil. Toda cheirosa e com os cabelos ainda molhados, recebeu o delegado vestida com um short shortíssimo e uma camiseta curta e larga o suficiente para deixar umbigo à mostra e insinuar os pequenos seios que pareciam querer fugir pelas longas alças cavadas. Intimidado por tanta beleza, o delegado, que não sabia onde colocar os olhos, não teve como recusar o convite para entrar "uns minutinhos para um lanche". Em segundos, estava ele na poltrona da sala, esperando Tereza, que, rechaçando toda e qualquer recusa, dera-lhe as costas e saíra, rebolando a preciosidade que a bermudinha apertada realçava deixando escapar nacos salientes, para buscar um doce com a garantia de que ele iria gostar. Se não fosse o tropeção, tudo teria corrido normalmente e, em poucos minutos, já com saudades da moça, Alcides estaria na estrada de volta à delegacia no interior. Mas, não foi assim. Uma topada maluca fez a menina perder o equilíbrio, caindo sobre ele com o pudim, melando-o completamente com a calda pegajosa. Não havia como o delegado viajar daquele jeito. E aconteceu. Passado o susto, junto com copiosas desculpas, Tereza empurrou Alcides ao banheiro com um "você precisa tomar um banho" e, com o braço estendido pela fresta da

porta, entregou uma toalha limpa e pediu-lhe as roupas para lavar. Pronto. Tendo o homem nu em seu banheiro, Tereza soltou a fêmea que carregava em seu interior e se fez. Em poucos minutos, a moça enxugava carinhosamente o delegado, que, já sem agüentar a situação, deixou os instintos falarem mais alto e, se aproveitando da inocência da moça, esbaldou-se, ensinando-lhe tudo o que sabia. Aluna aplicada e criativa, em poucos minutos, Tereza aprendeu tudo e agia como se não fosse tão pura, levando-o à loucura. Passava pouco das cinco quando, alertando que estava quase na hora do tio voltar do trabalho, deixando-se beijar e apertar conforme o namorado queria, Tereza expulsou o delegado rumo à estrada cobrando a promessa de voltar na semana seguinte, no mesmo horário, e manter o caso em sigilo, pois, segundo disse, o tio a achava muito nova para namorar e era muito severo com esse tipo de coisa.

Horas mais tarde, como se nada tivesse acontecido, Tereza recebeu Leôncio com o mesmo fogo de sempre, deixando-o exausto de tanto amar.

Como prometera, o delegado manteve segredo sobre o namoro que o fazia voltar à capital uma vez a cada semana para mergulhar as tenras carnes de Tereza (que, diga-se de passagem, parecendo enlouquecida pelo jejum de uma semana, sempre o engolia sufregamente). O delegado Alcides não sabia, mas, tendo-o como 'meio aviadado', Janete não parava de procurar um noivo para a filha. A chance surgiu quando, depois de uma reunião na casa paroquial, conheceu o juiz substituto Hermes - jovem recém admitido na magistratura, que, provavelmente, assumiria a comarca. A armadilha foi a mesma e, claro, o resultado, também. Depois de receber a encomenda remetida pela mãe, criando um script adequado ao momento, em poucas horas, Tereza tinha o juizinho Hermes nas mãos (e na cama). Outro namorado, outro segredo. Um delegado e um juiz. Nada mal para uma moça do interior, que, ninguém podia negar, jamais saíra de casa com o intuito de flertar ou caçar. Oficialmente, no entanto, para desespero da mãe, Tereza vivia longe dos homens e, portanto, da chance de arrumar um marido. Mas, aquilo não ficaria assim, jurou a si própria. Não morreria sem ver a filha casada e, decepcionada com a moleza dos homens da sua cidade, recrudescer a busca um bom partido para Tereza. Na semana seguinte, quem levou a encomenda foi o filho do médico da cidade, um rapaz chamado Marcelo, que, depois de uns tempos pelo estrangeiro, voltara para assumir a clientela do pai. Este ficou com a tarde da 3ª feira. Agora, além do tio Leôncio, que a tinha todas as noites, Tereza namorava o delegado Alcides nas tardes das 2ª feiras, o médico Marcelo nas tardes das 3ª feiras e juiz Hermes nas tardes das 6ª feiras. Essa agenda logo fechou as brechas. Em poucas semanas, graças às encomendas enviadas pela mãe, as tardes das 4ª e 5ª feiras também foram ocupadas. O fazendeiro Florisval e Antunes, irmão mais novo do prefeito, passaram a preencher as tardes de Tereza. Mesmo assim, sem saber que era a sogra secreta de muita gente e que, a cada dia da semana, algum dos portadores através dos quais remetera encomendas para a filha se ausentava da cidade para visitá-la na capital, Janete não parava de procurar pretendentes para Tereza - que, de sua parte, impedida de ampliar o rol de namorados, de tão animada com a movimentação, começara a ficar incomodada com a monotonia das tardes dos sábados e dos domingos, quando era obrigada a ficar apenas com

Leôncio. De qualquer forma, embora, cheia de fogo, quisesse namorar mais, sempre mais, Tereza deixou de receber as encomendas remetidas pela mãe por absoluta falta de tempo.

Vendo esvaír a chance de casar a filha, Janete exasperou e, confiando em que uma conversa de mulher para mulher poderia convencer a filha a abandonar a vida monástica e procurar um marido, decidiu visitar Tereza. Consciente da própria feminilidade, Janete deixou o major Cícero aos cuidados de uma das jovens sobrinhas e viajou para o Recife disposta a fazer o que fosse preciso fazer.

Era um sábado pela manhã. No início da conversa, toda ressabiada, Tereza suportou o interrogatório da mãe e, usando a arte que desde jovem desenvolvera com maestria, conseguiu esconder os namorados e, claro, o caso com o tio, dizendo-se pessoa entregue ao destino designado por Deus. O depoimento foi tão convincente que Janete saiu com a impressão de que a apatia de Tereza para as coisas do casamento decorria da atenção que dedicava ao tio Leôncio, inclusive nos fins-de-semana. Era preciso, então, liberar Tereza, pelo menos, nos fins-de-semana. Mas, para desocupar a filha seria preciso ocupar o cunhado. Assim, disposta dar o que fazer ao cunhado Leôncio nos fins-de-semana, Janete resolveu cuidar pessoalmente do assunto.

E cuidou mesmo.

Ainda no começo da tarde, despachou Tereza com um "vá se distrair como faz toda moça da sua idade e só volte para casa no começo da noite, porque eu e o seu tio temos muito o que conversar". Vendo ameaçado o segredo que guardava a sete chaves, Tereza temeu pelo que viria a seguir, mas, resignada, entregou-se à vontade de Deus e, nele confiando o castelo que construía com tanto cuidado, foi ao shopping. A tal conversa de Janete com Leôncio começou sem graça, mas, rapidamente, enveredou por um caminho que terminou por dar novo impulso às coisas que os três ansiavam com gosto. De fato, enquanto, no shopping, confirmando a índole que trouxera do berço, Tereza aceitava a corte do gerente de uma loja e, com sua assistência pessoal, experimentava roupas e mais roupas, se trocando diante dos seus olhos gulosos numa cabine exclusiva na área dos estoques, em casa, revivendo manhas e truques que prometera abandonar quando prestou os juramentos matrimoniais, Janete cercava e fustigava o cunhado, encurralando-o até levá-lo à cama, onde, cumprindo um receituário criativo e sem limites, deixou claro que, em se tratando de sacanagem, a filha tinha a quem puxar e, ainda, era uma aprendiz. Impressionado com a falta de recato da cunhada, que, parecendo esquecer ter marido no interior, demonstrara incrível desenvoltura na cama, dando sobeja prova de não ter esquecido o passado e ter se aprimorado com o passar dos anos, Leôncio cogitou um sonho maluco: e se pudesse passar a semana desfrutando a paixão arrebatadora de Tereza e descansar os fins-de-semana sob os cuidados experientes de Janete. Não custava tentar. E, pensando estar propondo uma heresia, perguntou se a cunhada aceitaria passar os fins-de-semana com ele. "Claro, meu bem", Janete respondeu sem pestanejar. Quando chegou em casa, no começo da noite - sem saber como faria para conciliar o novo namoro com a vida que levava -, em meio a um repentino e evidente clima de alegria e cumplicidade entre a mãe e o tio, Tereza percebeu o cheiro de lavanda que pairava no ar, indicando banho recém

tomado. Antes que Tereza pudesse dizer qualquer coisa, a mãe anunciou o acordo firmado com o cunhado, fazendo-a vibrar com a notícia das folgas semanais. Não havia necessidade de dizer, mas, nesse tal acordo estava implícito que, enquanto a mãe estivesse cuidando da casa e, claro, do tio, Tereza estaria livre para dar vazão aos instintos que animavam a vida de qualquer mulher.

Leôncio não podia imaginar, mas o acordo selado com Janete estabelecera um círculo virtuoso. Para o próprio Leôncio dizia que, de segunda a sexta, haveria o fogo ardente de Tereza e, aos sábados e domingos, poderia desfrutar o sexo trabalhado e cuidadoso da cunhada, a surpreendente Janete, que, em matéria de saber como proporcionar prazer, nada devia à filha, chegando, mesmo, a ultrapassá-la em alguns quesitos. Para Janete, por razões conexas, a felicidade também sorria, pois, usando apenas parte do arsenal de manhas e brincadeiras, cumprira o objetivo, conseguindo o tempo que, segundo pensava, a filha precisava para arranjar um casamento e, ainda por cima, arrumara uma distração para esquentar seus fins-de-semana; finalmente, para Tereza, que não era moça de se preocupar com chifres eventualmente colocados na cabeça do próprio pai, o acordo secreto firmado pela mãe com o tio significava que, além dos atuais namorados, estava livre para amar mais gente nos fins-de-semana.

Era quase meia noite do domingo quando - sem saber que pela cidade muitos rapazes se preparavam para em dias diferentes viajar ao Recife para encontrar a filha - chegou em casa, sentindo um suave cheiro de lavanda no ar, Janete encontrou o major Cícero banhado e bem humorado. No banheiro, cantando como um passarinho, a jovem sobrinha se preparava para dormir depois de passar o fim-de-semana cuidando da casa e do marido de Janete.

O acordo firmado no Recife chegara ao interior, formando outro elo da corrente.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores